



## Por que Cristo aparece a dois discípulos no caminho para Emaús?

*“E eis que no mesmo dia iam dois deles para uma aldeia, que distava de Jerusalém sessenta estádios, cujo nome era Emaús; [...] E aconteceu que, indo eles falando entre si, e perguntando-se um ao outro, o próprio Jesus se aproximou, e ia com eles”.*  
*Lucas 24:13, 15*

### O conhecimento

Pouco tempo depois da ressurreição de Jesus, poucos eram os que tinham visto o Senhor ressuscitado ou ouvido a notícia de que Ele havia de fato ressuscitado da sepultura. As primeiras testemunhas da ressurreição foram mulheres que visitaram o túmulo de manhã cedo e “voltando do sepulcro, anunciaram todas essas coisas aos onze e a todos os demais” (Lucas 24:9).

Entre esses discípulos, juntamente com os outros onze apóstolos restantes, estavam dois que “no mesmo dia iam [...] para uma aldeia [...] cujo nome era Emaús” cerca de 11 quilômetros a oeste de Jerusalém.

Enquanto viajavam, “iam falando entre si de todas aquelas coisas que haviam sucedido” nos últimos dias e “falando entre si, e perguntando-se um ao outro” sobre o que ouviram das mulheres naquele dia (Lucas 24:13–15; cf. Marcos 16:12). S. Kent Brown observa: “O ponto de discórdia entre esses dois discípulos, é claro, tem a ver com o túmulo vazio, o fato que eles e outros não conseguem compreender”. Além disso, o verbo traduzido como “perguntar” tem um duplo sentido, como “argumentar” e “discutir ou debater”. Assim, enquanto os dois discípulos seguiam para Emaús, é possível que sua conversa envolvesse debates animados sobre como dar sentido ao

“persistente relato das mulheres” e à “morte imprevista de Jesus”.

Foi neste momento que “o próprio Jesus se aproximou, e ia com eles” (Lucas 24:15). Com essa declaração, Lucas passa a enfatizar a realidade da Ressurreição de Jesus por meio do uso deliberado de testemunhas de Sua presença física. Usando um pronome enfático, traduzido como “Ele mesmo”, Lucas usa um verbo que “ressalta a experiência como uma revelação intencional aos dois discípulos e uma parte prevista de suas aparições pós-ressurreição. Como os outros relatos do Evangelho, Lucas é inflexível ao apontar quantas pessoas de diferentes origens testemunharam a ressurreição do Salvador para demonstrar a autenticidade desse milagre dos milagres.

No entanto, a princípio, os discípulos não reconheceram Jesus. Lucas diz que “os olhos deles estavam impedidos de o reconhecerem” (Lucas 24:16), implicando “uma contínua restrição de visão” por outra pessoa, a saber, Deus. É importante notar que a Tradução de Joseph Smith deste versículo acrescenta que os olhos dos discípulos “estavam contidos ou cobertos”. Portanto, parece que esses dois discípulos ainda não estavam prontos para contemplar o Senhor ressuscitado na plenitude de Sua glória, em vez disso, eles O viram como se fosse por meio de um véu, vendo-O como um homem mortal. Aparentemente, os seres ressuscitados podem aparecer para nós e ainda parecerem mortais normais devido a algum filtro espiritual cobrindo nossos olhos.

Quando foi perguntado a esses discípulos por que estavam tristes, eles, sem saber, disseram a Jesus que, na verdade, estavam refletindo sobre Ele e Seu ministério. Em sua resposta, percebe-se a frustração que experimentaram ao tentar assimilar tudo o que acabara de acontecer:

A Jesus Nazareno, que foi profeta, poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo; [e] como os principais dos sacerdotes, e os nossos príncipes o entregaram à condenação de morte, e o crucificaram; E nós esperávamos que fosse ele o que redimisse Israel; mas agora, além de tudo isso, é já hoje o terceiro dia desde que essas coisas aconteceram; Ainda que também algumas mulheres dentre nós nos maravilharam, as quais de madrugada foram ao sepulcro; [e] não achando o seu corpo, voltaram, dizendo que também tinham visto uma visão de anjos,

que dizem que ele vive; E alguns dos que estão conosco foram ao sepulcro, e acharam ser assim como as mulheres haviam dito; porém a ele não o viram (Lucas 24:19–24).

“Implícito em suas palavras”, observou Brown, “está uma noção incorreta e generalizada de que o Messias deve realizar uma libertação esperada” do cativo romano. Na verdade, o verbo traduzido como “o que redimisse” empregado por esses dois discípulos “está relacionado ao fato de Jesus resgatar Israel como um povo por meio de poderio militar, e não ao pagar um resgate pelos pecados ou pagar o preço de trazer a salvação, como em outras passagens”. Confiar nessas concepções errôneas de quem seria o Cristo foi, sem dúvida, uma grande parte do motivo pelo qual esses discípulos simplesmente O identificaram agora como “um profeta poderoso em obras e palavras”. Entretanto, esses dois homens foram incapazes de conciliar suas ideias equivocadas com os eventos recentes.

Jesus, porém, responde com um apelo às Escrituras: “Ó néscios, e tardos de coração para crer em tudo o que os profetas disseram! Porventura não convinha que o Cristo padecesse essas coisas e entrasse na sua glória? E começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes em todas as escrituras o que dele estava escrito” (Lucas 24:25-27). É significativo que é aqui que o entendimento dos dois discípulos sobre as escrituras adquire um novo significado, e os homens finalmente conseguem compreender o verdadeiro significado de muitas Escrituras. Desta forma, Jesus corrigiu esses mal-entendidos e ensinou-lhes como reconhecê-Lo corretamente nas Escrituras.

Enfim, quando os três entraram em Emaús, os dois discípulos ficaram tão comovidos que convidaram Jesus para pernoitar com eles (ver Lucas 24:28-29). Após entrar na casa de um dos dois discípulos, Jesus “tom[ou] o pão, o abençoou, e partiu-o, e deu-o a eles” em uma ceia (Lucas 24:30). Esta cena recorda a Última Ceia e a instituição do Sacramento, que deveria ser realizado em memória de Jesus. Brown observa: “Embora o Salvador não profira palavras que transformem o alimento em Sacramento, o alimento adquire um caráter sacramental ou sagrado porque Ele é quem Ele é”.

Agora que os discípulos tinham ouvido Jesus ensinar as Escrituras e tinham recebido um símbolo de Seu

corpo crucificado e ressuscitado, “[a]briram-se-lhes então os olhos, e o reconheceram” (Lucas 24:31). Assim, puderam discernir a plenitude da glória e presença do Senhor, tornando-se duas importantes testemunhas da realidade de Sua gloriosa Ressurreição. Tendo aprendido a verdadeira natureza do Messias e visto o Senhor com seus olhos, eles puderam efetivamente sair e divulgar o Seu evangelho.

## O porquê

Um dos maiores desafios que muitos cristãos experimentaram durante esse tempo foi reconciliar suas próprias expectativas sobre quem era o Messias com a pessoa que eles haviam conhecido anteriormente. Assim como os discípulos no caminho de Emaús, muitos inicialmente acreditavam que Jesus viria, primeiramente e sobretudo, como um conquistador que reivindicaria o trono davídico e redimiria Israel do domínio romano. Consequentemente, é compreensível que estivessem confusos quando Jesus voluntariamente permitiu ser crucificado por homens ímpios, embora Jesus tivesse frequentemente profetizado sobre Sua morte e ressurreição.<sup>10</sup> Em vez de atender às expectativas militaristas de muitos da população judaica, Jesus veio primeiro como o conquistador não de Roma, mas da morte e do pecado. Jesus deixa claro que todos os profetas que já viveram deram testemunho Dele, tanto de Seu ministério mortal quanto de Seu reinado milenar. Em suma, todas as escrituras são centralizadas em Jesus Cristo e em Seu sacrifício expiatório.

Isso é claramente expresso no Livro de Mórmon. “E falamos de Cristo,” Néfi registrou, “regozijamo-nos em Cristo, pregamos a Cristo, profetizamos de Cristo e escrevemos de acordo com nossas profecias, para que nossos filhos saibam em que fonte procurar a remissão de seus pecados” (2 Nefi 25:26). Assim como toda a visão de Néfi sobre as Escrituras mudou drasticamente quando o profeta teve uma visão do Salvador (ver 1 Néfi 11-13),<sup>11</sup> os antigos discípulos do Velho Mundo também começaram a entender a plenitude das escrituras quando conversaram com Jesus ressuscitado e o viram.

Os leitores modernos das Escrituras, de tempos em tempos, terão que seguir o exemplo dos dois

discípulos de Emaús. À medida que cada um de nós vem ao Senhor com seus próprios pontos de vista e ideias, podemos olhar para o exemplo deles em busca de humildade para colocar de lado nossas próprias ideias em favor da verdade do Evangelho. À medida que estudamos as Escrituras, podemos conhecer Jesus Cristo e Sua vontade mais plenamente, e como os discípulos de Emaús, também podemos perguntar: “não ardia em nós o nosso coração [...]?” quando nos aproximamos do Senhor com toda a sinceridade de coração e recebemos Sua presença, embora não saibamos disso (Lucas 24:32).

## Leitura complementar

S. Kent Brown, “Luke Chapter 24“, em *The Testimony of Luke* (Provo, UT: BYU Studies, 2014), pp. 1103–1142.

Julie M. Smith, “The Resurrection“, em *New Testament History, Culture, and Society: A Background to the Texts of the New Testament*, ed. Lincoln H. Blumell (Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University; Salt Lake City, UT: Deseret Book, 2019), pp. 377–392.



© Central do Livro de Mórmon, 2023

## Notas de rodapé

1. S. Kent Brown, *The Testimony of Luke* (Provo, UT: BYU Studies, 2014), p. 1116.
2. Brown, *Testimony of Luke*, p. 1116.
3. Brown, *Testimony of Luke*, p. 1117.
4. Ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Por que os relatos da Ressurreição nos Evangelhos são críveis? (Lucas 24:5–6)”, *KnoWhy 665* (10 de abril de 2023). Brown, *Testimony of Luke*, pp. 1117–1118, identifica similarmente Cleopas, um desses dois discípulos (e que também pode ter sido tio de Jesus), como a testemunha ocular que deu a Lucas as informações necessárias para adicionar esse relato ao seu registro.
5. Brown, *Testimony of Luke*, p. 1117.
6. Brown, *Testimony of Luke*, p. 1119.
7. Brown, *Testimony of Luke*, p. 1119.
8. Uma experiência semelhante é registrada em Atos 8:26–40, onde Filipe batiza um eunuco etíope após abrir as Escrituras para ele (especificamente Isaías 53:7–8).
9. Brown, *Testimony of Luke*, p. 1124.
10. Ver, por exemplo, Mateus 16:21–23; 17:22–23; 20:17–19; Marcos 8:31–32; 9:30–32; 10:32–34; Lucas 9:21–22; 9:43–45; e 18:31–34.
11. Ver, por exemplo, John W. Welch, “Getting through Isaiah with the Help of the Nephite Prophetic View“, em *Isaiah in the Book of Mormon*, ed. Donald W. Parry e John W. Welch (Provo, UT: Foundation for Ancient Research and Mormon Studies, 1998), pp. 19–45.